



USAR O CARTÃO AJUDA

Até 31 de Outubro, sempre que usar o seu cartão de crédito, o Millennium bcp entrega €0,15 ao UNHCR/ACNUR para ajudar os refugiados de todo o mundo.



Ajuda aos Refugiados

Millennium
bcp

A vida inspira-nos

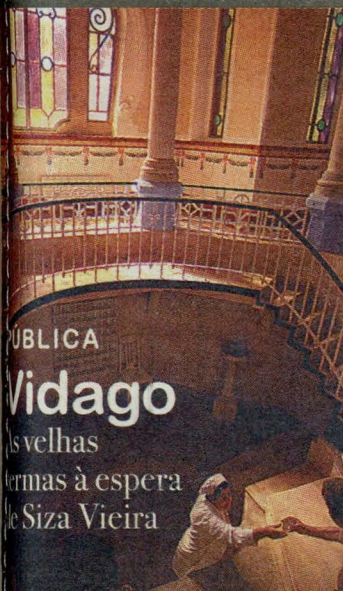
www.millenniumbcp.pt

707 50 24 24

PÚBLICO DOMINGO

GRATIS 20 pág. PASSATEMPOS DE VERÃO

8 de Agosto de 2006 • Ano XVII • N.º 5982 • Portugal: €1,40 (IVA incluído) • Espanha: €2,00 (IVA incluído) • Director: JOSÉ MANUEL FERNANDES • Directores adjuntos: NUNO PACHECO e MANUEL CARVALHO • publico@publico.pt



PÚBLICA
Vidago
As velhas
armas à espera
de Siza Vieira

sa Casaco O PIDE FOTÓGRAFO

REVELAÇÃO

Escritor alemão Günter Grass pertenceu às SS

O Nobel da Literatura alemão revelou numa entrevista que na sua juventude pertenceu às temíveis *Waffen SS*. Na base a fazer 80 anos, Günter Grass em, na sua obra, reflectido sobre a necessidade de os alemães olharem para o passado e assumirem-no, mas manteve o silêncio sobre ter integrado a unidade de elite, também responsável pelos campos de extermínio. **P32**

VOLTA A PORTUGAL

Estreante João Cabreira vence na Senhora da Graça e lidera a prova

Onze anos depois, um ciclista português voltou a vencer na Senhora da Graça. O feito foi do estreante João Cabreira (Maia-Milaneza), que, aos 24 anos, cumpre o sonho de vestir a amarela na Volta a Portugal. **P37/38**

Alta de Lisboa com vendas muito abaixo do previsto LOCAL

TRIÂNGULO JOTA A Rosa do Egípto

POR MAIS 3,90 EUROS

EDIÇÃO LISBOA

ARTOON E OPINIÃO	6 A 11
CULTURA	30 A 34
TELEVISÃO	48/49
CLASSIFICADOS	59 A 61
CINEMAS	62/63
TEMPO E FARMÁCIAS	64

Israel reforçou posição no Sul do Líbano para tentar barrar Hezbollah antes do cessar-fogo

Força internacional prevista na resolução da ONU deverá ser enviada daqui por sete a dez dias

Israel alargou ontem as operações no Líbano, triplicando o número de tropas no terreno e chegando ao rio Litani. Israel

espera um cessar-fogo para amanhã, mas reserva-se o direito de ripostar a ataques. Uma força da ONU deverá ser deslocada dentro

de sete a dez dias. Portugal já manifestou disponibilidade para se juntar aos capacetes azuis. **P15 A 17**

EMILIO MORENATTI/AP



Coordenador nacional quer castigar médicos que não notifiquem os casos de sida

A realização, a partir de hoje, em Toronto, de uma megaconferência sobre o HIV/sida levou o coordenador nacional da luta contra a doença a fazer um balanço da situação em Portugal. **P25**

Turismo cresce no Mundo e receitas subiram quase 10 por cento em Portugal

Os efeitos do 11 de Setembro ainda não se apagaram, mas o turismo mundial já recuperou do choque. Portugal não é excepção e nos primeiros cinco meses de 2006 as receitas subiram 9,4 por cento. **P40/41**

Fidel

80 anos em tempo de sucessão

Fidel Castro completa hoje 80 anos, fraco e a recuperar da cirurgia intestinal a que foi submetido a 31 de Julho. O seu regresso permanece um enigma e, com o passar dos dias, na sombra emergem dirigentes prontos a assegurar a governação, por enquanto entregue pelo próprio ao seu irmão Raúl Castro

P3 A 5



Trabalho Temporário

Outsourcing & Merchandising

Recrutamento & Selecção

Porto • Maia • Famalicão • Águeda • Alverca • Torres Vedras • Mem Martins • Lisboa • Oeiras • Setúbal • Vila Franca de Xira • Portimão • Funchal



Günter Grass à porta da sua casa, em 1997, coberto de pichagens neonazis: afinal, o Nobel alemão alistou-se nas SS, a unidade de elite do regime de Hitler

Nobel alemão Günter Grass revela ter pertencido às SS nazis

O autor de *O Tambor* sempre reconheceu ter integrado o Exército de Hitler, mas só agora, aos 78 anos, tornou público que pertenceu à unidade de elite do regime nazi

ALEXANDRA PRADO COELHO

Esperou até quase aos 80 anos – que completa em 2007 – para fazer a grande confissão da sua vida: Günter Grass, escritor alemão e Prémio Nobel da Literatura em 1999, revelou ao *Frankfurter Allgemeine Zeitung* que na juventude pertenceu às *Waffen SS*, a unidade de elite do regime nazi. Porque o fez agora? “Era algo que me pesava”, explicou na entrevista. “O meu silêncio durante todos estes anos é uma das razões pelas quais escrevi este livro [a sua autobiografia]. Era algo que tinha que contar...”

Que Günter Grass integrara o Exército alemão durante a fase final da II Guerra Mundial, numa unidade de defesa anti-aérea, não é uma novidade. Ele contou várias vezes que, aos 15 anos, entrou, como voluntário, para as forças hitlerianas – mas nunca anteriormente tinha revelado que pertencera às SS, a temível força dirigida por Heinrich Himmler, e que no final da guerra foi considerada uma organização criminosa. O episódio tornado público agora através dos jornais é relatado na sua autobiografia, *Beim Hauten der Zwiebel* (*Descascando a Cebola*), a lançar em Setembro.

Há, no entanto, quem pense que Grass – um dos maiores intelectuais alemães contemporâneos e o escritor alemão mais conhecido fora do seu país, pacifista e feroz defensor de posições políticas de esquerda – esperou demasiado. Para o seu biógrafo, Michael Jurgs, a confissão tardia marca “o fim de uma instância moral”, sobretudo porque o autor de *O Tambor* passou grande parte da sua vida – e da sua obra – a obrigar os alemães a olhar para o passado, a enfrentá-lo.

“A História”, disse uma vez, “ou, para ser mais preciso, a História que nós, alemães, temos repetidamente complicado, é como uma retrete entupida. Puxamos o autoclismo, puxamos, mas a porcaria continua a vir para cima”. E o que Grass faz, escreveu Nicholas Lezard no *The Guardian* na altura do lançamento do livro *A Passo de Caranguejo*, é “agir como alguém que enfia o nariz do cão na sua própria porcaria para, presume-se, ele aprender a fazer melhor no futuro”.

Na entrevista ao jornal alemão, o escritor explica mais uma vez o que o levou a alistar-se voluntariamente no Exército alemão. “Ao princípio,

o que eu queria era escapar de tudo aquilo. Do sufoco, da família. Queria acabar com tudo, e alistei-me por isso”. Um ano depois chegava a ordem para se alistar. “Depois dei-me conta, talvez ao chegar a Dresden, que estava nas *Waffen SS*”.

“Pensava que era propaganda”

Em que momento exacto percebeu que ia integrar as SS, não sabe dizer. “Não tenho a certeza de como se passou. Poderia tê-lo sabido através da ordem para me alistar? Ou só me dei conta ao chegar a Dresden? Já não sei”. Mas reconhece que, naquele momento, quando tomou consciência do sítio

A FRASE

“Ao princípio, o que eu queria era escapar de tudo aquilo. Do sufoco, da família. Queria acabar com tudo, e alistei-me [no Exército nazi] por isso”

onde estava, não foi invadido por nenhum sentimento de culpa. “Mais tarde esse sentimento de culpa pesou-me como uma ignomínia. Para mim está sempre ligado à pergunta: ‘Naquele momento poderias ter percebido o que estava a acontecer contigo?’”.

Na altura, admite, as SS não tinham “nada de repugnante”. “Idiota como era, pensava [até ao processo de Nuremberga] que os alemães não faziam esse tipo de coisas, e que era tudo propaganda”, confessa. Só percebeu o terror que inspirava a sigla SS quando a sua divisão já estava completamente vencida e um dos seus superiores lhe disse para mudar de uniforme.

Noutra entrevista, em 1999, ao *El País*, Grass respondia claramente à pergunta do jornalista: “Acreditava na ideia de Hitler da grande Alemanha”. “Sim, acreditei até 1945. Cresci na Juventude Hitleriana e estou imunizado desde então contra qualquer ideologia”. E insistia mais uma vez que os alemães não podem simplesmente esquecer o passado. “O escritor tem que olhar para as feridas aparentemente curadas e voltar a abri-las”.

Parte desse reabrir das feridas passa por rejeitar a ideia de que, durante o nazismo, “o pobre povo alemão foi seduzido por uma horda de tipos tenebrosos”, volta agora a dizer ao *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, e por reconhecer que, “no que respeita à juventude [incluindo ele próprio], muitos, muitos estavam entusiasmados”.

O jovem que nos anos 40 tanto queria escapar à família nascera em 1927 em Danzig (actual Gdansk), na Polónia, onde os seus pais eram comerciantes. Em 1945 foi ferido e enviado para um campo de prisioneiros de guerra americano, onde ficou até 46. Foi mineiro, pedreiro (e depois escultor), mas em 1959 *O Tambor* revelou-o como um escritor maior e o representante literário da geração que cresceu com o nazismo.

Na década de 1960 envolveu-se na vida política alemã, apoiando o Partido Social Democrata (SPD) e o seu presidente, Willy Brandt. E em 1990 foi um dos grandes adversários da reunificação do seu país. “Não quero subir para um comboio que ninguém guia e que não responde aos sinais de alerta. Fiquei de pé na estação”. ■

Uma obra contra o nazismo

A obsessão com o passado e a necessidade de olhar para o período do nazismo estão desde o início na obra de Günter Grass. *O Tambor* (1959), adaptado ao cinema por Volker Schlöndorff, é a história de uma criança de três anos que, perante o horror do mundo, decide não crescer durante 20 anos, assistindo mudo e agarrado ao seu tambor de brincar. Na sua ascensão do nazismo e às perseguições aos judeus. Foi um enorme êxito para um autor até aí desconhecido e o primeiro de uma trilogia de Danzig, que inclui *O Gato e o Rato* (1961) e *O Cão de Hitler* (1963). No seu mais recente livro, Grass regressa mais uma vez à história da Alemanha, mas de forma diferente. *A Passo de Caranguejo* conta como em 1945 um submarino soviético afundou o navio alemão *Wilhelm Gustloff*, na qual res tragédias marítimas de sempre, na qual morreram entre seis mil e dez mil pessoas, na maioria refugiados. A culpa alemã depois do fim da guerra levou a que muitos dos alemães que sofreram horrorosas às mãos do Exército soviético tenham preferido manter-se em silêncio mais uma vez, Grass quis quebrá-lo. Também, segundo a história alemã das ras da extrema-direita. Quando, em 1999, a Academia Sueca distinguiu o escritor “rompeu o malféjico pesava sobre o passado alemão”, com uma obra que conseguiu uma conquista muito radical do que toda a crítica ideológica contra o nazismo”.

GRASS

EM PORTUGUÊS

O Tambor (Lisboa: Estúdios Cor, 1964)
O Cão de Hitler (Lisboa: Estúdios Cor, 1966)
O Gato e o Rato (Lisboa: Publicações Europa-América, 1968; reedição em 2003 no *Diário de Notícias*)
O Linguado (Lisboa: Inquérito, 1986)
A Ratazana (Lisboa: Quixote, 1991)
Mau Agoiro (Lisboa: Bertrand, 1994)
Uma Longa História (Lisboa: Presença, 1998)
O Meu Século (Lisboa: Editorial Notícias e Circulo de Leitores, 2001)
A Passo de Caranguejo (Lisboa: Editorial Notícias, 2003)